SESSENTA MINUTOS

Christina Ramalho

Criação Editora

SESSENTA MINUTOS

Christina Ramalho

Criação Editora
ARACAJU | 2021

Este é um projeto apoiado pelo Edital de Premiação de Artes Visuais e Literatura, proposto pelo Governo de Sergipe, através da Fundação de Cultura e Arte Aperipê de Sergipe – FUNCAP, com recursos da Lei Aldir Blanc.

Projeto gráfico, capa, fotografias e ilustrações da autora
ver no site: www.ramalhochris.com/sessenta.minutos
Diagramação: Adilma Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo - SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

R165s Ramalho, Christina.
Sessenta minutos / Christina Ramalho.-- 1. ed.-- Aracaju, SE : Criação Editora, 2021.
80 p., 21 cm. ilustrado
ISBN. 978-65-88593-59-2

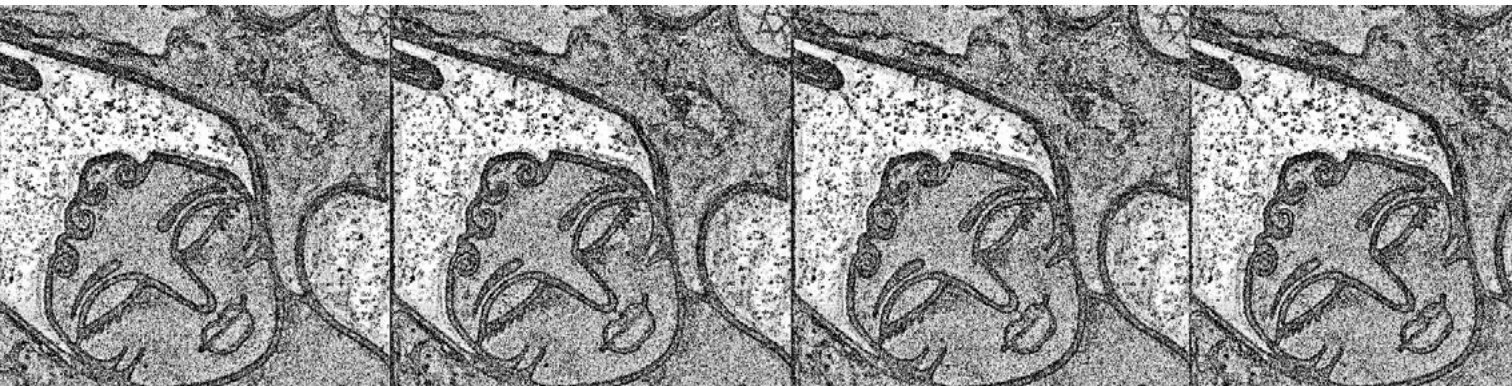
1. Arte. 2. Poesia. 3. Tempo. I. Título. II. Assunto. III. Ramalho, Christina.

CDD B869.91
CDU 82-1(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Literatura brasileira: Poesia.
2. Literatura: poesia (Brasil).

Audiolivro

Índice

Apresentação da autora	**5**
(H)Oráculo	**9**
Combatente 1- PAIMUTIC	**19**
Combatente 2 - PACHAMARY	**33**
O embate - APÓFIS	**47**
O desfecho - WAKAN TANKA	**63**
Notas finais	**69**
Sobre a autora	**75**
Referências	**76**
Posfácio (Anna Beatriz Paula)	**77**

Apresentação da autora

Sessenta minutos é um longo poema composto por 3.600 segundos-métricos, em que o Deus Tempo (Paimutic) e a Deusa Poesia (Pachamary) travam uma batalha, em busca de respostas para o sentido da vida. E o que são 3.600 segundos-métricos? São a soma das sílabas métricas contidas nos sessenta poemas que integram o livro, tendo, cada um desses poemas, 60 segundos-métricos. Cada sílaba métrica dos poemas, portanto, corresponde a um segundo do tempo. Este livro, assim, pode, teoricamente, ser lido em uma hora.

Minha ideia foi propor uma larga reflexão sobre a vida como um todo, sobre o tempo como matéria-prima a ser trabalhada por cada um/a de nós por meio de pensamentos, gestos e atitudes que ampliem a significação dessa matéria; e sobre a existência humana que, diante de situações trágicas – como, por exemplo, a pandemia que agora nos aprisiona em uma rede de desesperança – se vê mais fragilizada e precária. Nesse sentido, a poesia, com seus recursos e figurações, des-

vela e revela, e é ponte e caminho para que se amplie a capacidade humana de se comover com a descoberta dos sentidos mais profundos de nossa experiência neste mundo, ainda que essa descoberta, infelizmente, precise, tantas vezes, como nos conta a própria história da humanidade, passar por enfrentamentos trágicos.

Paimutic X Pachamary é, portanto, um enfrentamento entre o Deus Tempo e a Deusa Poesia que dialoga com o trágico e o ficcional, mas que também se pretende épico, pela interação entre história e mito, e pelo desenho de uma viagem pela reflexão, pela intertextualidade, pela intermidialidade (ou conjugação de diferentes linguagens) e pela consciência de que estamos escrevendo nosso Tempo e precisamos assumir as rédeas dessa criação. Para criar os dois combatentes do poema, busquei diversas fontes (muitas que circulam nos meios mais massificados de comunicação, outras provenientes de fontes acadêmicas/científicas) e imagens, até chegar a duas construções ficcionais bastante híbridas, que se fazem acompanhar por explicações muitas vezes até surpreendentes, como explico a seguir.

Organizada em 60 poemas (minutos-métricos), agrupados em "(H)Oráculo", "Coliseu", "Combatente 1 - Paimutic", "Combatente 2 - Pachamary", "Embate - Apófis" e "Desfecho – Wakan Tanka", com critérios e nomeações que vocês entenderão no decorrer da leitura, *Sessenta minutos* se faz epopeia-relâmpago, narrativa-poema-polvo, com tentáculos que se agarram em outras artes, uma obra com uma hora de duração que, no entanto, através dos recursos transgressores da poesia em tempos de realidade virtual, expande esse tempo por meio dos muitos *QR codes*, que, acessados pelo celular, levarão leitores e leitoras a outros espaços: fotografias, fotopoemas, poemas, crônicas, contos, livros inteiros, desenhos, sites, vídeos, canções do "Acrópole Nordestina", textos científicos, comentários meus sobre alguns aspectos presentes na obra etc. Em alguns casos, será possível perceber como determinados conteúdos são alterados a partir de transmissões que acabam se desprendendo das fontes originais, gerando sentidos que não ganham sustentação nas abordagens científicas, mas que, no entanto, ganham a materialidade de releituras que influenciam outras, tal como acontece com "Kairós" (ver nota final).

Para realçar essa ampliação do próprio poema, todas as palavras que aparecem em *itálico* terão um *QR code* correspondente, para quem quiser ir além do livro e expandir a própria viagem pelos caminhos que deseje, optando pelas indicações que pareçam interessantes e descartando as que não interessem.

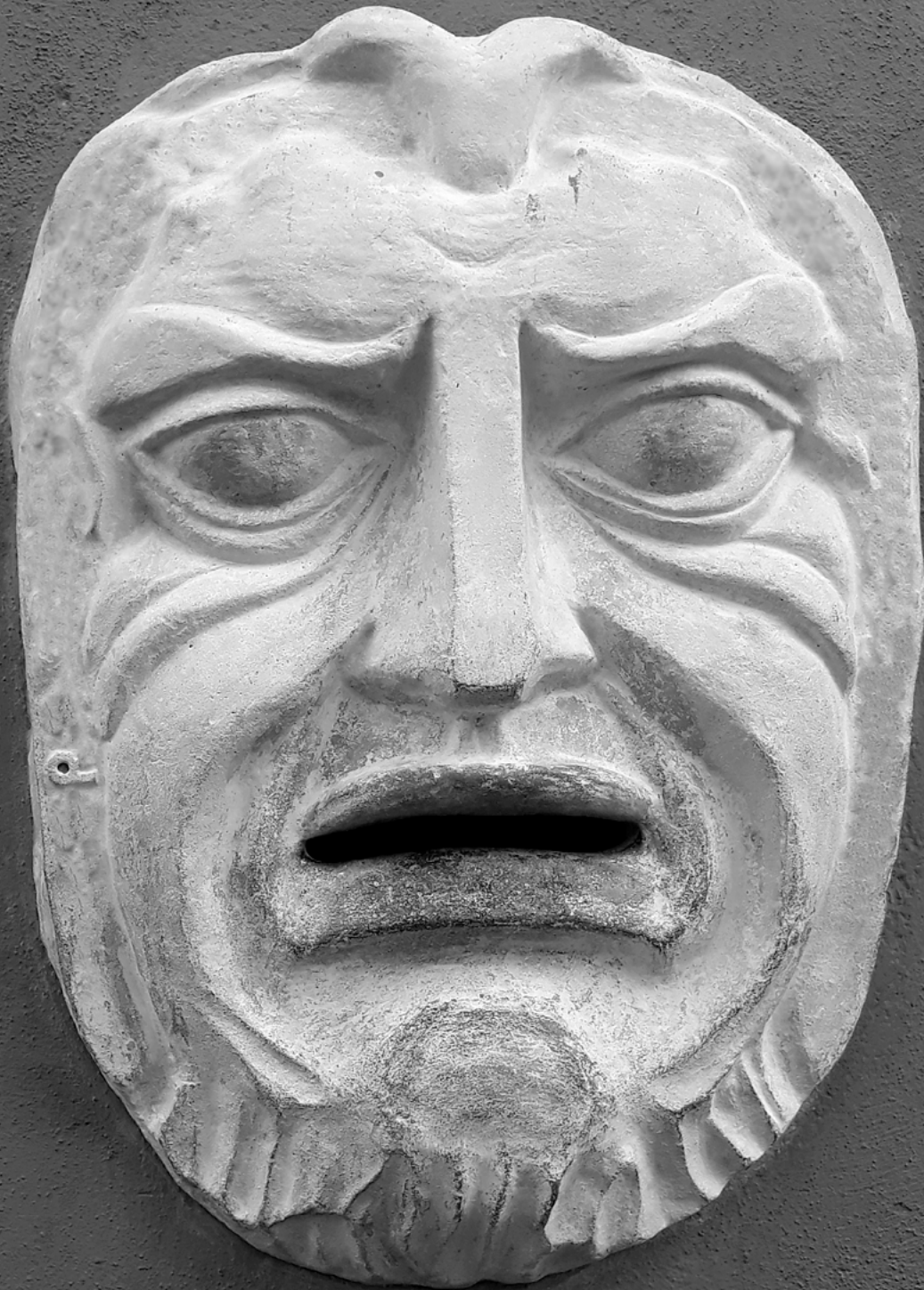
Além disso, esse roteiro paralelo pode ser reinventado em outro momento, se *Sessenta minutos* merecer releituras. Ah, se algum site indicado, no decorrer do tempo, desaparecer da Internet, minhas antecipadas desculpas! Pensando nisso, todos os conteúdos dos links também estarão em https://www.ramalhochris.com/sessenta-minutos. E há notas explicativas no fim do livro.

A ideia dos *QR-codes* foi inspirada pela maravilhosa obra de Ariano Suassuna intitulada *Romance de Dom Pantero no palco dos pecadores* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017), que fez uso dos *QR codes*, para levar leitores e leitoras a visitarem alguns links que interagiam com a obra. A leitura de *Dom Pantero*, por razões óbvias, eu mais que recomendo!

Também integram o livro algumas imagens e montagens feitas por mim, inspiradas em motivos míticos, desenhos e arabescos provenientes dos mais diferentes cantos do mundo, porque, apesar de partir aqui de Aracaju, Sergipe, o menor dos estados brasileiros, *Sessenta minutos* fala de uma geografia que prescinde de mapas, porque se espalha por todo este maravilhoso planeta que tão mal tem sido tratado por nós.

Por fim, meus agradecimentos a todos os parceiros do Acrópole Nordestina nas canções que os *QR-codes* mostrarão, com especial gratidão ao imenso talento de Cacá Vidal, que criou músicas para dois poemas deste livro. Obrigada também a você, Anna Beatriz Paula, pelo posfácio carinhoso. Espero que, tal como a batalha entre Paimutic e Pachamary a ser travada pretende, vocês, leitores e leitoras, consigam multiplicar seus sessenta minutos por um tempo inaugural, sem ponteiros, mas com infinita sensibilidade.

Christina Ramalho

(H)Oráculo[1]

minuto-métrico 1

(60)

gesta

minuto-métrico 2

1 3 3 3 4 2 3 5 5 2 3 4 4 5 6 5 2 (60)

quando
a *história*
é um livro
às avessas
que nada conta
registra
ou revela
e cada segundo
mesmo sendo tempo
se nega
à ciência
de ser memória
visto os segundos
de sílabas métricas[4]
e faço do poema
relógio de som
e sol

história

minuto-métrico 3

7 5 3 7 4 3 7 4 3 5 3 6 3 (60)

no gongo do desafio
a métrica gesta
dos segundos
entre a hora e a poesia

quem vencerá?

Paimutic[5]
com caninos ritmados?
ou Pachamary[6]
rebordando
as vestes do *tempo*
romperá
as trágicas amarras
do silêncio?

tempo

COLISEU[7]

minuto-métrico 4

1 4 4 4 2 1 1 2 2 2 2 1 2 2 2 2 5 4 5 2 4 5 1 (60)

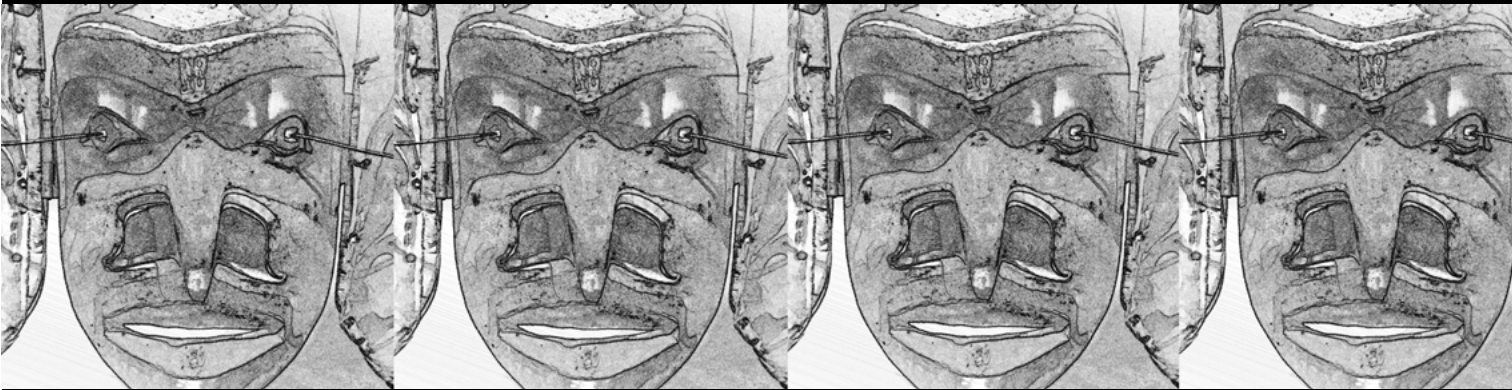
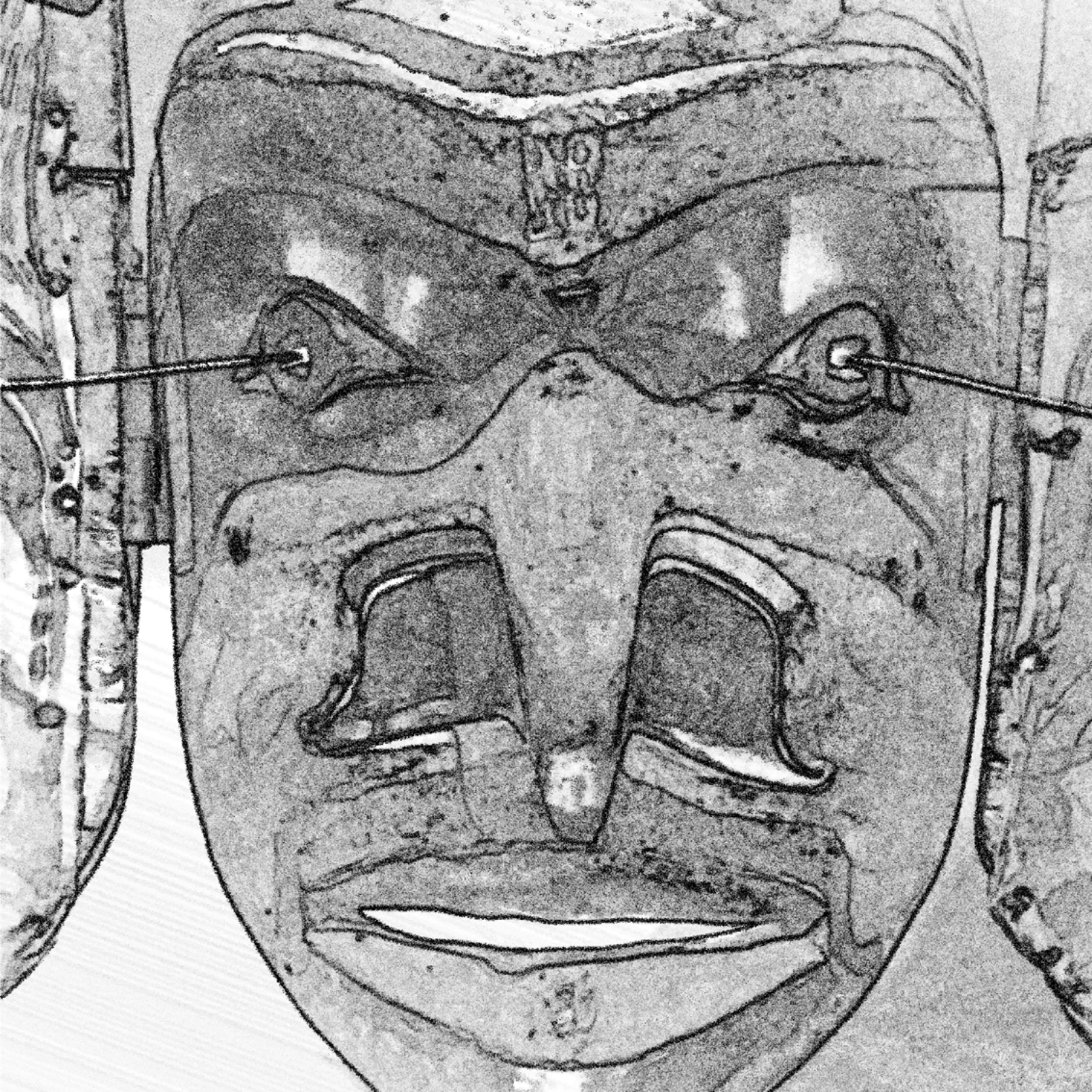
fato:
inspira expira
inspira expira
inspira pira
explode
rélpimi [8]
rélpimi
ai, quente![9]
ai, quente!
ai, quente!
réu hell[10]
rélpimi

retrato:
réu hell
ai, quente!
de novo
reprise no piso
inspira expira
respingos no chão
ai, quente!
de novo não[11]

cortina fechada:
hell

rélpimi

Combatente 1

PAIMUTIC

minuto-métrico 5

3 4 4 6 5 8 5 5 7 5 1 2 3 2 (60)

Paimutic
Prajapati
Akuanduba
Imperador do Jade
deus da morte, Mot
Urshanabi, mas também Thoth
raízes de Iroko
barqueiro flautista
escriba calculador
Senhor do Universo
força
amor

ma(i)s a fome
                    de Chronos

minuto-métrico 6

3 2 4 4 2 4 6 7 3 7 5 5 3 1 2 2 (60)

o que é
o Tempo
se não peneira
por onde a vida
se esgueira
e corre-escorre
buscando se agarrar
às paredes da memória?
o que é
se não camisa de força
arame farpado
antolhos[12] e sela?

é o fogo
trágico
que morre
na vela

minuto-métrico 6

minuto-métrico 7

3 5 3 6 4 2 4 5 5 2 5 2 6 4 4 (60)

Paimutic
tem olhos de vento
pele d'água
pernas de bambuzais
em movimento
não cabe
no próprio instante
porque jamais para
sua boca beija
escarra*
nosso nascimento
e morte
é maldição e sorte
cláusula pétrea[13]
pedra lascada

pele d'água

cláusula pétrea

minuto-métrico 8

3 6 3 7 7 7 6 7 2 2 2 3 3 2 (60)

Paimutic
é fio de novelo
embrenhado
na geografia do espaço
é sino na catedral
uma lâmina de aço
nada detém seu passo
nada retém sua *roda*

passado
presente
futuro

Paimutic
é um salto
                    no escuro

roda

minuto-métrico 9

3 4 3 5 7 8 4 4 4 3 6 7 2 (60)

Paimutic
é um ser híbrido
costurado
por fusos horários
raiz densa de Iroko
no subsolo do planeta
formando a *rede*
que nos conecta*
e antagoniza

é Verão
antítese de Inverno
é aparência de Céu
no Inferno

rede

minuto-métrico 10

4 3 3 3 3 4 6 2 2 6 3 7 6 5 3 (60)

tempo-botox
silicone
faz das *rugas*
maldição

falsa fonte
de juventudes
cuspindo bisturis
implantes
ciborgues[14]
direito mutilado
de existir
dentro da pele escavada
não à vida contada
por pés de galinha
e papada

rugas

minuto-métrico 11

5 5 6 1 5 5 3 1 3 2 7 7 4 2 4 (60)

Paimutic toca
a canção do instante
concreta e passageira

tolos
guardamos na mão
o canto do pássaro
que no entanto
voa
pelas frestas
dos dedos
como voam os *ponteiros*
das arestas dos relógios
ou como somem
os textos
dos necrológios[15]

ponteiros

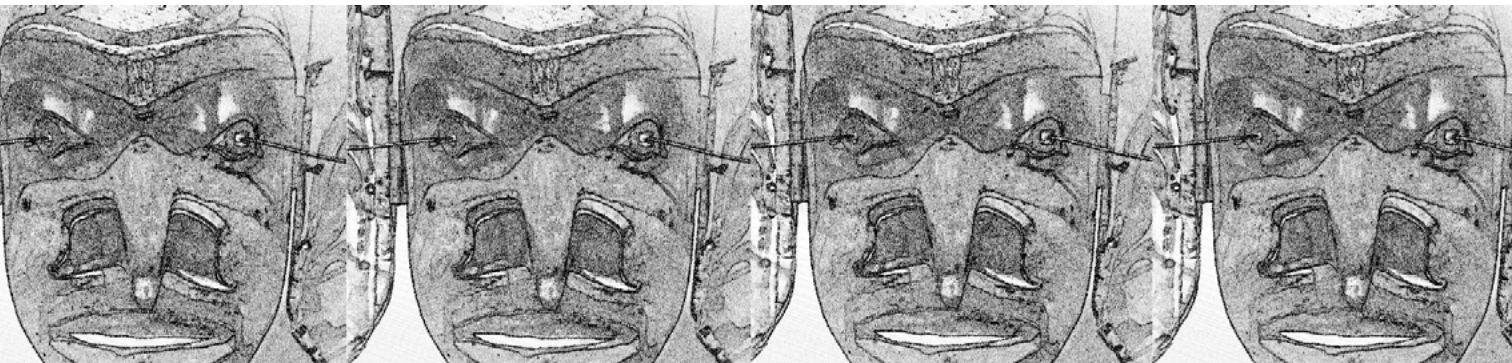
minuto-métrico 12

5 7 7 7 5 5 5 5 5 3 2 3 1 (60)

o pêndulo agita
esperança e desalento
no vaivém ensimesmado
dest@ vid@ digit@l

o novo normal[16]

agenda de sins
planilhas de nãos
ilhas decotadas*
em meio ao naufrágio

Paimutic
nos cobra
seu maldito
ágio

minuto-métrico 13

3 3 4 3 5 4 2 4 3 8 6 2 5 4 4 (60)

latitude
longitude
meridiano
hemisfério
razão e mistério
na língua bífida[17]
do espaço

mas Paimutic
cedo ou tarde
faminto Chronos irrompido
traga o verde dos mapas
e a flor
esculpida em aço
nasce no asfalto*
da geografia

minuto-métrico 14

5 5 5 5 3 5 5 2 4 6 5 2 3 5 (60)

olho de coruja
asa de morcego
fixfilmes games
mórbidos brinquedos
tempestade
na casa sem luz

no palco pastiche[18]
do *medo*
susto é remedo[19]
perto do que me toma
quando abro a janela
e vejo
o vermelho
nas veias do chão

medo

minuto-métrico 15

3 4 6 4 2 5 7 7 4 3 7 4 4 (60)

somos todos

filhos de Chronos

e por isso moramos

em seu estômago

faminto

a pedra selada

na carne de seus relógios

marca os dias e as noites

em pele áspera

invencível

e nossas vidas-roteiros

seguem morrendo

em precipícios

minuto-métrico 16

3 3 7 4 5 4 3 4 3 3 5 2 6 5 3 (60)

Paimutic
traz nos olhos
sua arma mais letal:
a carnadura
escorregadia
que ora é noite
    ora é dia
e na verdade
            não é nada
a não ser
anti-consoada[20]
que rouba
o coração da vida
seca a poesia
            e nos mata

Combatente 2

PACHAMARY

minuto-métrico 17

7 7 7 7 7 5 7 3 3 2 5 (60)

Pachamary é Pachamama
solo fértil de palavras
colheita de sentimentos
Make Make Deus Supremo
ovo que gera alimentos
argila de Arúru
poder oculto de Rá
seios fartos
de Yemanjá
sertão
coberto de verde

minuto-métrico 18

7 8 6 2 6 3 5 8 4 7 4 (60)

o rosto de Pachamary
espalha-se pelas cidades
como se vigiasse
atento
as impossíveis rimas
das esquinas

enquanto passeia
sua carnadura invisível
e tão presente
é capaz de *bordar* vida
no de repente

bordar

minuto-métrico 19

7 6 7 6 7 7 2 4 3 3 3 3 2 (60)

Pachamary despetala
todas as anti-rosas
das Hiroshimas[21] que explodem
a beleza do mundo

enquanto as pétalas caem
bordando a cortina mórbida
do espanto
nós, no entanto,
fabricamos
novas bombas
e plantamos
novas flores
do mal[22]

minuto-métrico 20

5 7 2 6 3 2 4 2 2 5 3 2 7 6 4 (60)

dados bichos bingos
cartas cavalos e megas
a sorte
miragem no deserto
sempre está
tão perto
até que some

os homens
fabricam
sonhos de moedas
e navegam
com fome
pelas águas da miséria
enquanto Pachamary
se desespera

minuto-métrico 21

3 3 4 5 3 2 5 2 3 3 7 4 3 7 6 (60)

a palavra
infinito
tem oito letras
e isso está bem
no entanto
não tem
o sema[23] que em si
carrega
pois termina
bem depressa
o que não teria fim

mas Pachamary
quebra a regra
e brinca de conjugar
o verbo infinitar

minuto-métrico 22

4 5 5 2 2 8 5 3 4 4 6 3 2 7 (60)

Ela põe flores
nos canos das armas
                antes de atirar
e as flores
metáforas
corroem o metal das balas
e sem ferir corpos
são precisas
na pontaria:
matam com *arte*
antes que seja tarde
                o vazio
que arde
incapaz de ser linguagem

arte

minuto-métrico 23

3 3 6 7 6 7 6 7 2 4 5 4 (60)

Pachamary
pinta a pedra
co'as cores do querer
tira o meio do caminho*
e andarilha das margens
inverte a trilha das lógicas
cria loucuras próprias
com versos que nunca fez

arranca
de sua tez
a máscara falsa
da lucidez

minuto-métrico 24

5 4 5 2 6 4 5 6 5 5 3 5 3 2 (60)

na dança dos signos*
entre sóis luas
e outros desígnios
se ensaiam
os rostos e os gestos
de Pachamary
tintas de mulher
colorem seus rabiscos
revolucionários
compondo poemas
de combate
aos gritos tiranos
e arbitrários
da morte

tintas de mulher

minuto-métrico 25

3 4 4 7 7 3 3 6 5 5 4 5 4 (60)

nesta hora
sem bastiões
nem messianismo[24]
o verso de Pachamary
na garganta do futuro
quer gritar
l i b e r d a d e

(mas ainda é casulo)
vida debruçada
no leito que a lágrima
borda no rosto
enquanto viver
é só desgosto

liberdade

minuto-métrico 26

6 5 3 1 3 4 3 7 7 8 2 2 2 5 2 (60)

Pachamary se casa
com cada palavra
que desnuda
canta
a beleza
a correnteza
que enfeitiça
os *milagres* do amanhã
Pachamary é romã
aberta no dia de Reis
futuro
no fruto
granada[25]
de explosivo único:
a arte.

milagres

minuto-métrico 27

5 3 5 2 4 4 2 3 6 4 3 1 4 4 3 3 4 (60)

Pachamary canta
o interdito
camufla a visão
do fel
percebe a falsa
condenação
do réu
e levanta
sua onda de espasmos
e resistência

Pachamary
é
a insistência
vencendo o aço
com a lâmina
metafórica
do seu dizer

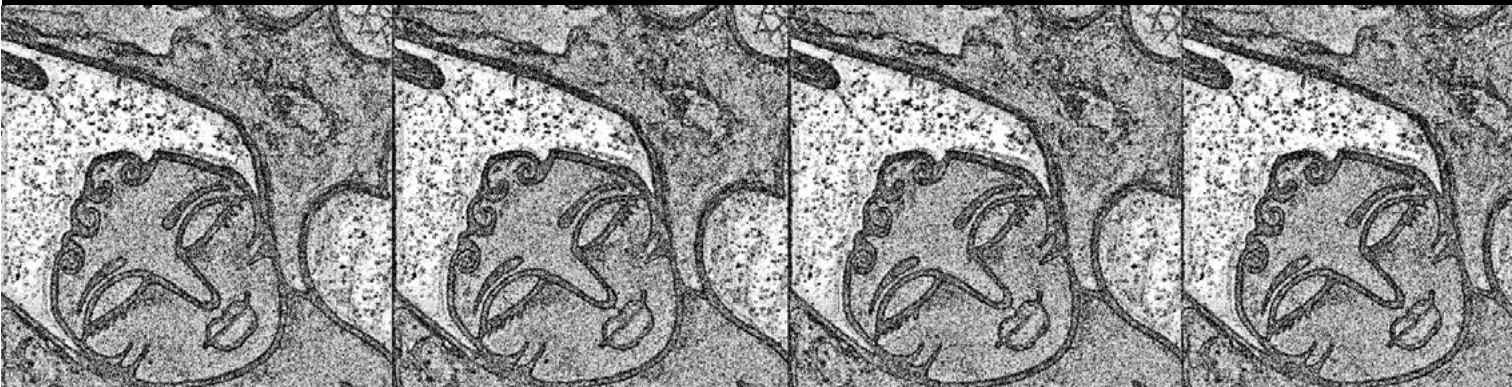
minuto-métrico 28

3 3 3 3 3 4 6 3 4 7 7 7 7 (60)

Pachamary
Mary Mãe
Mãe Maria
Poesia
Terra-Mãe
Terra-palavra
ancestral lavradio[26]
o quintal
onde se gesta
a festa das novas gentes
semente isenta de cálice[27]
cicatriz vertida em flor
fel transformado em licor

Mãe Maria

O embate

APÓFIS[28]

minuto-métrico 29

2 4 4 7 4 6 2 4 1 5 2 4 4 2 3 4 2 (60)

às vezes
a história escreve
guerras distintas
para os mesmos combatentes

um bebe o sangue
das feridas abertas

o outro
mais que as feridas
sente
o quanto se perde
no signo
da própria guerra
emudecendo
a vida

um em festa
o outro em luto

começa:

minuto-métrico 30

6 3 3 6 5 5 3 3 3 2 5 4 4 3 3 2 (60)

Paimutic revela
suas armas
em manchetes
de sangue indignado
que desfilam nomes
ausentes da vida
como se entre
raiz caule
folha fruto
e flor
não houvesse nada
sequer a fome
que move as gentes
na desordem
violenta
dos dias

minuto-métrico 31

6 4 6 4 2 4 2 4 4 3 2 4 4 4 3 2 2 (60)

das mãos de Pachamary
em conta-gotas
o néctar ancestral
da Poesia
se entranha
no aço inútil
da guerra
que Paimutic
anda espalhando
pela Terra
e o verso
vertendo verde
verbo-vertigem
verve-coragem[29]
veste a voz
do povo
de vida

minuto-métrico 32

3 5 5 6 5 6 4 7 5 7 4 3 (60)

Paimutic
guarda seus troféus
na faixa de Gaza
nas balsas moribundas
dos refugiados
nos muros de Berlim
reinventados
em tatuadas suásticas[30]
de braços armados
na escravidão pós-humana[31]
na pós-verdade[32]
dos fanáticos

minuto-métrico 33

6 5 6 5 6 6 7 6 4 3 2 3 1 (60)

traços de J. Borges[33]
voz de *Gennady*
Nonino de Piazolla
cores de Dalí[34]
Noturno de Chopin[35]
Mateus (som) Aleluia[36]
verde e rosa Nazaré[37]
grito de resistência
pele aimoré[38]
Chico Mendes[39]
boré[40]
Pachamary
é

Gennady

Nonino

minuto-métrico 34

3 3 3 6 5 5 6 6 4 4 7 2 4 2 (60)

Paimutic
mata o grão
e a semente
em letras garrafais
de escândalos fátuos
estrelas de pó*
anêmicas atômicas
sistêmicas anômicas[41]

e nada resta
senão a gesta
quixotesco desencanto
e o toque
Ragnarök[42]
morrer

minuto-métrico 35

1 2 4 3 2 2 6 3 2 2 4 2 2 3 6 5 3 8 (60)

Pacha
Mistral[43]
desenha o Chile
com os pés
Cecília[44]
emerge
navios naufragados
Montenegro[45]
transborda
Fernanda
tablado em arte
Baez[46]
e Sosa[47]
dizem gracias*
a la vida de Parra[48]
Violeta chama
de quem ama
cada *paisagem* do viver

paisagem

minuto-métrico 36

3 3 3 6 6 5 7 7 5 4 6 3 2 (60)

Paimutic
assedia
a palavra
com garras de ponteiros
teias de calendários
agendas-algemas
gritos de despertador

sua voz de guilhotina
tecida de nãos
esparge[49] pó
explode tempestades
crueldades
e canta:

minuto-métrico 37

4 4 7 4 5 5 6 2 4 4 5 4 3 2 1 (60)

os olhos d'água
de Pachamary
sangram as dores do mundo
sua voz rouca
sequer chega à boca:
naufraga engolida
e busca sobrevida
sem som
mas um milagre
na cela 7[50]
faz dos olhos rio
e Pachamary
em seu cio
enfim
canta:

minuto-métrico 38

3 4 6 4 4 6 7 3 5 5 5 2 6 (60)

— trago o canto
de Partolón[51]
no exílio de seus crimes
todas as bombas
do Armagedon[52]
a pós-humanidade
a eterna escravidão
a verdade
sobre amanheceres
mais noites que a noite[53]
meu verbo é açoite
na carne
de qualquer esperança

minuto-métrico 39

6 7 8 2 3 7 4 4 5 2 9 3 (60)

— trago a gota de orvalho
que repousa solitária
no parapeito da janela
meus olhos
umedecem
a aridez das quimeras
represam rios
buscando foz
fitam a fissura
do Tempo
e na bolha do seu pensamento
criam voz

minuto-métrico 40

3 2 6 4 2 6 7 5 4 4 3 3 5 6 (60)

— mostre as armas!
que forças
terá a Poesia
frente ao poder
do Tempo?
meu hálito de aço
derrete versos de vento
espadas sedentas
perfuram rápido
rimas inúteis
pergaminhos[54]
nada escapa
ao fogo que queima
o solo dos segundos

minuto-métrico 41

3 5 3 6 4 4 4 3 6 3 3 3 4 2 3 4 (60)

— Paimutic,
abomino guerras
minhas lutas
são armadas de versos
nem mal nem bem
absolutos
apenas verbos
conjugados
em risos e soluços
nas paredes
transparentes
da memória
por isso visto-me
de luto
cada vez
que o mundo morre

minuto-métrico 42

4 4 4 5 7 3 4 4 4 4 4 6 4 3 (60)

— meu arsenal
tem as palavras
que o mundo cria

apenas com elas
já se mata a Poesia

sou o Tempo
da homofobia
necropolítica[55]
armamentismo
pedofilia
feminicídio[56]

e do pó do ecocídio[57]
nenhuma *fênix*[58]
surgirá

minuto-métrico 43

3 4 7 3 8 3 3 7 7 8 7 (60)

— onde o Tempo
aberto ao sonho
de fontes de juventude?
onde o Tempo
dos instantes reinventados?
onde o Tempo
hoy y siempre[59]
da *Camerata Romeu*?[60]
Tempo do verso-cachaça
criança brincando na praça
de um nós mais forte que o eu?

fênix

Camerata Romeu

minuto-métrico 44

3 6 7 2 6 6 3 5 3 3 6 3 4 3 (60)

— minha derme
guarda a ira dos homens
e respira sua febre
de coisas
sua sede de armas
cicatrizes escaras
e o mistério
de todos os karmas[61]

sou o gesto
que se escreve
com o verbo que fere
sou ausência
de permanências

violência

minuto-métrico 45

4 8 4 4 5 6 3 5 3 3 6 3 4 2 (60)

— meu coração
guarda *mistérios de savana*
a cor do cacto
quando sorri
em forma de flor
o abandono acolhido
pelo abraço
de quem o notou

sou o gesto
que se escreve
com o verbo que insere
sou presença
de permanências

amor

mistérios de savana

minuto-métrico 46

3 4 6 5 7 4 6 3 8 7 7 (60)

— neste mundo
de desafetos
na *embolada pandêmica*
de todas as horas
seu verbo de permanências
não se demora
meu ódio que devora
logo sangra
suas sílabas de ternura

na terra de Paimutic
Poesia é sepultura

minuto-métrico 47

4 3 4 7 6 4 4 2 3 2 4 5 5 7 (60)

— naquela mesa*
além dele
faltava pão
matéria substantiva
ausente de utopias[62]
naquela mesa
Tempo era foice
o foi-se
que não volta
tapera
que não se encontra
pois não há estrada
Paimutic morre
em sua própria cilada

embolada pandêmica

tapera

minuto-métrico 48

5 5 3 5 3 5 3 6 5 5 5 4 6

(60)

— sinta em sua pele
de sedas inúteis
esgarçadas
a lâmina fria
da revolta
que engasga e sepulta
suas vãs
tentativas de cura

derreti nas faces
de Prajapati
a memória e o sonho
resta o presente
com seu vírus medonho

minuto-métrico 49

7 4 4 8 5 4 6 6 3 3 5 5 (60)

— a *revolta* é estopim
fogo nascendo
dentro de mim
alimento da combustão
gerando a palavra
que dirá não
ao Tempo suicida
de *pandemia* e cídios[63]
de solstícios[64]
às avessas

gritos não aos nós
que prendem Kairós[65]

revolta

pandemia

minuto-métrico 50

5 5 5 3 3 5 4 4 5 4 4 2 2 1 2 6 (60)

Paimutic chama
raios e trovões
lança bactérias
nas artérias
vírus tiros
nas populações
planta mentiras
fomes e sedes
derrete geleiras
queima florestas
derrama óleo
no mar
mas inda
ouve
de longe
Pachamary cantar:

minuto-métrico 51

5 2 4 4 5 2 4 3 2 5 4 4 4 5 2 5 (60)

— novas águas surgem
das mãos
de Yemanjá
sons de cigarras
bordam a manhã
de Rá
já está úmida
a argila
de Arúru
perfume de Gaia[66]
esculpe o ar
há outros tempos
dentro do Tempo
lava vira adubo
e o fim
princípio de tudo

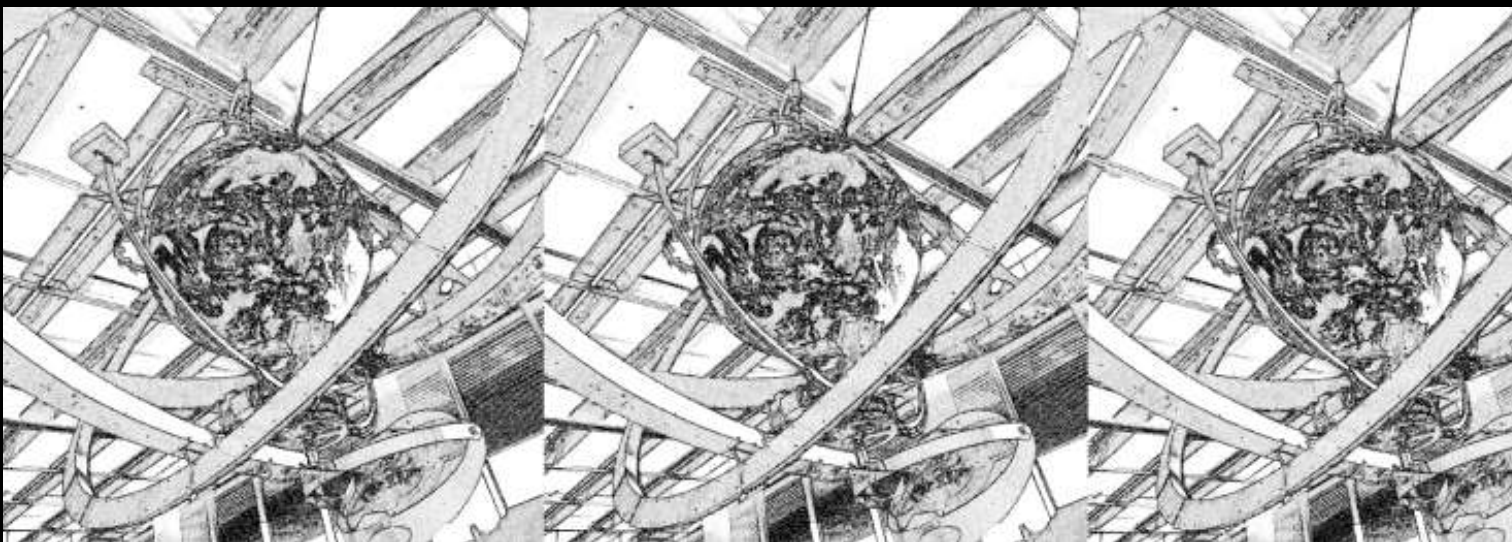
minuto-métrico 52

7 4 3 4 2 5 4 5 5 3 5 7 6 (60)

A canção de Pachamary
é clepsidra[67]
entornando
águas de Aquário[68]
no Tempo

livre neste instante
da violência
de seu pensamento
Paimutic cessa
a mecânica
da destruição
e se deixa escorrer
r
e
l
ó
g
i
o de Dalí

O desfecho

WAKAN TANKA[69]

minuto-métrico 53

5 4 5 3 7 6 1 6 7 3 8 5 (60)

na esfera armilar
o mundo gira
em sua engrenagem
de aço e pedra
e só se desprende dela
quando a palavra-pássaro
voa
desgarrando também
o Tempo da violência
Paimutic
insensível à própria força
de transformação

minuto-métrico 54

5 3 2 7 5 2 4 4 5 4 5 5 4 5 (60)

o grande mistério
Wakan Tanka
habita
o voo da Poesia
Pachamary sabe:
nas asas
de cada dia
está escrita
a canção do cosmos
e cada arte
dela se apropria
com sua magia

tem mais poder
a força que cria

minuto-métrico 55

4 6 3 5 3 5 2 6 5 4 6 1 5 5 (60)

a arte canta
o Tempo do perdão
o Alabê[70]
de Jerusalém

em Maria
e na mãe de Judas
o Amor
transforma sangue em flor
e criando pétalas
com novo norte
repele a voz de Mot
seca
e destruição

em nome do pão

minuto-métrico 56

5 4 5 4 6 6 6 6 8 6 2 2 (60)

em lugar de Mot
brota a Mãe Terra
e o Tempo se enlaça
com as sementes
de outra cronologia
aquela que se abraça
às cores escondidas
no corpo dos botões
às esperanças incontidas
nas novas gerações
à chispa
da vida

minuto-métrico 57

5 6 7 5 2 5 5 3 7 3 3 3 1 5 (60)

o Tempo abandona
o vórtice da dor
a fúria dos furacões
resgata as raízes
de Iroko
ancestralidade
das populações

e o passado
cata-vento de cristal
oferece
ao presente
flor de lótus[71]
luzes
em lugar de cruzes

minuto-métrico 58

7 7 3 5 2 5 6 4 7 4 4 6 (60)

os olhos de Pachamary
entornam águas azuis
que só nascem
quando a Poesia
se vê
no espelho do mundo
no rosto das pessoas
que vêm e vão
ao ritmo dos ponteiros
mas carregando
no corpo inteiro
metáforas de sonhos

minuto-métrico 59

4 2 4 3 4 2 5 5 3 4 7 3 7 2 5 (60)

ouçam as águas
de Aquário
com seus bemóis[72]
de esperança
sintam os brotos
das plantas
e os olhos secretos
dos elementais[73]

contra a força
da criação
nenhuma destruição
permanece

o Tempo do Armagedon
devora
a própria cauda

minuto-métrico 60

5 6 2 5 3 6 6 3 5 5 3 2 3 4 2 (60)

sessenta minutos[74]
em terra de ponteiros
metáfora
calando canhão
poesia
vestida de sonata[75]
não ao tempo que mata

Pachamary
wakanda[76] do mundo
desatando nós
libertando
Kairós

Paimutik[77]
agora é Tempo
de Paz

sessenta minutos (final)

Notas finais

1. **oráculo** – resposta de um deus a quem o consulta; divindade que responde a consultas (HOLLANDA, 1986, p. 1229).
2. **sibila** – do verbo "sibiliar", assoviar, assobiar, silvar (HOLLANDA, 1986, p. 1582).
3. **gesta** – feitos guerreiros, façanhas (HOLLANDA, 1986, p. 848).
4. **sílabas métricas** – são as sílabas de um verso, cujo critério de contagem é a sonoridade, que inclui, por exemplo, a "elisão", caso em que dois sons vocálicos se unem. A contagem termina na última sílaba tônica do verso. Exemplo: "agora é Tempo" – a/go/ra é/Tem – 4 sílabas métricas, porque ra+é tem um som só, "ré" ,e "tem" é a sílaba tônica de "Tempo". Os números abaixo dos títulos dos poemas indicam a contagem dos versos. Todos os poemas têm 60 sílabas-métricas.
5. **Paimutic** – o "Deus Tempo" do poema. Criação composta a partir das iniciais de vários deuses ou criaturas míticas: O "P" de Paimutic vem de Prajapati, da mitologia indiana, Senhor do Universo que dá origem ao mundo criando Brahma. O "A" vem de Akuanduba, mito indígena paraense da etnia dos Arara. Akuanduba era o deus da ordem. O primeiro "i" tem como origem o "Imperador do Jade", imagem mítica chinesa também conhecida como "Imperador do Céu", o deus dos deuses. O "m" nasceu de Mot, o deus da Morte na religião dos cananeus, povo presente no Antigo Testamento. O "u" se refere a Urshanabi (Ur-shánabi), o deus barqueiro da mitologia da Mesopotâmia. O "t" é Thoth, deus egípcio relacionado ao Tempo, à escrita, ao conhecimento e às fases da lua. O segundo "i" é Iroko, orixá do candomblé, espírito da primeira de todas as árvores do mundo, orixá do carvalho, que representa o Tempo e a ancestralidade. O "c" vem de Chronos, da mitologia grega, titã filho caçula de Urano e de Gaia. *Ver o QR-code* para compreender o porquê da mistura de todos esses nomes.
6. **Pachamary** – a "Deusa Poesia" do poema. Criação composta a partir das iniciais de vários deuses, deusas ou criaturas míticas: O "Pacha" de Pachamary nasceu de Pachamama, Mãe Terra da América Latina. O M vem de "Make Make", o deus supremo da Ilha de Páscoa, que cria o povo e o alimenta. O A vem Arúru, a deusa da criação da *Epopeia de Gilgámesh* (epopeia da Mesopotâmia, presente no mundo desde 2.000 a.C.). O R vem do deus egípcio Rá, deus sol e também criador. O Y é de Yemanjá, a orixá afro-brasileira. Pachamary, contudo, também é Mãe Mary, Mãe Maria. Ver o *QR-code* para saber mais.
7. **Coliseu** – famoso anfiteatro romano. Ver o *QR-code* para saber mais.
8. **rélpimi** – aportuguesamento da sonoridade da expressão em inglês "*help me*", que significa "socorra-me". Esse pedido foi feito por George Floyd, cruelmente assassinado pela polícia no dia 25 de maio de 2020 em Powderhorn, Minneapolis, Minnesota, EUA. Sua morte gerou movimentos sociais em prol do combate ao preconceito étnico e ao extermínio de pessoas negras. Ver o *QR-code.*
9. **ai, quente!** – aportuguesamento do som de outra fala de Floyd: "I can't breathe" ("eu não posso respirar").

10. **hell** – “inferno” em inglês.
11. **de novo não** – alusão ao assassinato de João Alberto Silveira Freitas, ocorrido no Carrefour de Porto Alegre no dia 19 de novembro de 2020, com características de violência semelhantes à que ocorrreu com George Floyd.
12. **antolhos** – peças que, colocadas ao lado dos olhos dos cavalos e aparentados, limitam-lhes o campo de visão (HOLLANDA, 1986, p. 133).
13. **cláusula pétrea** – artigo da Constituição que não pode ser alterado. Ver o *QR-code* para saber mais.
14. **ciborgue** – ser híbrido que mistura partes orgânicas e tecnologia cibernética.
15. **necrológio** – notícia sobre pessoa falecida (HOLLANDA, 1986, p. 1185).
16. **novo normal** – expressão que busca interpretar as transformações do mundo contemporâneo, em que como “normais” passam a ser encaradas coisas até então não vistas dessa forma. A expressão tem forte valor irônico e mesmo cruel, quando pensamos que se tornaram “normais” ações como, por exemplo, o assassinato de inocentes em ações policiais nas comunidades pobres.
17. **bífida** – dividida em duas partes.
18. **pastiche** – criação que parte da imitação de outra(s).
19. **remedo** – de “remedar”, arremendar (HOLLANDA, 1986, p. 1481).
20. **consoada** – pequena refeição noturna, em dia jejum; Ceia da noite de Natal (HOLLANDA, 1986, p. 458).
21. **Hiroshimas** – alusão à canção de Vinicius de Moraes, “A rosa de Hiroshima”, inspirada no genocídio causado pela explosão da bomba atômica estadunidense em Hiroshima, no Japão, na Segunda Guerra Mundial.
22. **flores do mal** – alusão ao livro *Fleurs du mal* (1857), do poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867).
23. **sema** – sentido.
24. **messianismo** – expectativa pela chegada de um redentor (HOLLANDA, 1986, p. 1125).
25. **granada** – explosivo, mas também sinônimo da fruta “romã”.
26. **lavradio** – terreno/terra próprio/a para ser plantado, arado.
27. **cálice** – alusão à canção “Cálice” (1978), de Chico Buarque.
28. **Apófis** – serpente do caos na mitologia egípcia. Ver o *QR-code* para saber mais.
29. **verve** – calor de imaginação que anima o artista (HOLLANDA, 1986, p. 1770), “verve-coragem’, neste caso, traz a ideia de que é preciso usar a imaginação com coragem.
30. **suástica** – símbolo cruciforme, com as hastes recurvas formando quatro ângulos retos; essa cruz, com os braços voltados pela direita, foi adotada pelo hitlerismo como emblema oficial do partido nazista (HOLLANDA, 1986, p. 1617).
31. **pós-humana** – alusão às teorias do “pós-humanismo” que discutem o esvaziamento do sentido do “humano” a partir da presença da tecnologia e também a partir da ruptura com valores, comportamentos e códigos sustentados pela valorização do humano (humanismo). Pensadores/as de diferentes áreas trabalham com esse conceito. Vale pesquisar.
32. **pós-verdade** – alusão ao conceito de “pós-verdade” que está presente em diferentes áreas do conhecimento em reflexões sobre a ruptura com o próprio conceito de verdade, principalmente nos âmbitos social e político, considerando a interferência da realidade virtual, das Fake News e da manipulação das informações em larga escala.
33. **J. Borges** – alusão ao poeta, cordelista e artista plástico pernambucano José Francisco Borges, conhecido como J. Borges (1935). Suas xilogravuras são muito famosas.

34. **Dalí** – alusão ao pintor surrealista espanhol Salvador Dalí (1904-1989).
35. **Chopin** – alusão ao compositor e pianista polonês Fryderyk Franciszek Chopin (1801-1849).
36. **Mateus Aleluia** – alusão ao compositor, instrumentista e cantor baiano Mateus Aleuia (1943).
37. **Nazaré** – alusão ao enredo da Estação Primeira de Mangueira intitulado "A verdade vos fará livre" (2020).
38. **aimoré** – indivíduo dos aimorés, tribo botocuda dos séculos XVI e XVII, que habitava territórios hoje pertencentes ao ES e à BA. (HOLLANDA, 1986, p. 70).
39. **Chico Mendes** – alusão a Francisco Alves Mendes Filho, ambientalista brasileiro, nascido em 1944 em Xapuri, no Acre, local onde foi assassinado em 1988. Mártir da luta pela preservação das florestas brasileiras.
40. **boré** – o mastro da jangada (HOLLANDA, 1986, p. 276).
41. **anômicas** – sem leis, sem organização (HOLLANDA, 1986, p. 126).
42. **Ragnarök** – na mitologia nórdica representa a guerra que levará ao fim do mundo.
43. **Mistral** – alusão à poeta, escritora, educadora e feminista chilena Gabriela Mistral (1889-1957). Prêmio Nobel de Literatura em 1945.
44. **Cecília** – alusão à poeta, escritora, educadora, jornalista e artista plástica brasileira Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964).
45. **Montenegro** – alusão à atriz brasileira Fernanda Montenegro (1929).
46. **Baez** – alusão à cantora e compositora norte-americana Joan Chandos Baez (1941).
47. **Sosa** – alusão à cantora e ativista argentina Haydée Mercedes Sosa (1935-2009).
48. **Parra** – alusão à compositora, cantora, artista plástica chilena Violeta del Carmen Parra Sandoval (1917-1967).
49. **esparge** – do verbo "espargir", espalhar, irradiar, difundir (HOLLANDA, 1986, p. 700).
50. **cela 7** – alusão ao filme turco *Milagre na cela 7* (2019), do diretor Mehmet Ada Öztekin.
51. **Partolón** – personagem da mitologia celta, de influência cristã. Líder dos primeiros habitantes da Irlanda.
52. **Armagedon** – referência ao livro bíblico do Apocalipse e à ideia e ao local onde acontecerá o fim do mundo.
53. **mais noite que a noite** – alusão ao poema "Sentimento do mundo", de Carlos Drummond de Andrade.
54. **pergaminhos** – suporte para a escrita originário de pele de animais como cabra, ovelha etc. (HOLLANDA, 1986, p. 1309).
55. **necropolítica** – termo do pensador camaronês Achille Mbembe, explica como política de morte, de extermínio, ações de Estados que se atribuem o direito de matar com a justificativa do controle social, entre outras razões.
56. **feminicídio** – assassinato de mulheres por violência de gênero.
57. **ecocídio** – extermínio da natureza, do ecossistema.
58. **fênix** – ave mitológica que morre e renasce das próprias cinzas.
59. **hoy y siempre** – alusão ao documentário *Che*, hoy y siempre (1983), de Pedro Chaskel.
60. **Camerata Romeu** – orquestra feminina cubana. Ver o *QR-code* para saber mais.
61. **karma** – termo presente em várias religiões, com sentidos diferentes. Em *Sessenta minutos*, é alusão ao "karma" do Espiritismo.
62. **utopias** – projetos irrealizáveis, fantasias, quimeras (HOLLANDA, 1986, p. 1745), que, no entanto, são importantes para que sempre tenhamos sonhos.

63. **cidios** – alusão às palavras compostas pelo sufixo "cídio", sufixo latino *-cidium*, do latim *caedo, -ere*, cortar, deitar abaixo), exprime a noção de acção que provoca a morte ou o extermínio in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/-c%C3%ADdio.
64. **solstícios** – época em que o sol passa por sua maior inclinação em relação ao sul ou ao norte, oferecendo iluminação máxima ao hemisfério onde o solstício ocorrer.
65. **Kairós** – Os termos gregos *kairós* ("oportunidade") e *khrónos* ("tempo") diferem entre si, de modo que este significaria o tempo controlado, e aquele, o tempo da liberdade, da oportunidade. No entanto, em artigos e também em páginas da Internet, notei que *kairós* aparece como o nome de um deus, e *khrónos* é relacionado com o nome do deus *Krónos* (em português: Crono). Em busca de referências antigas a esses termos, consultei Marcos Martinho, professor da Universidade de São Paulo, especialista nos mitógrafos gregos e romanos. Segundo Martinho, há uma única referência ao deus *Kairós* nos textos gregos antigos. Trata-se de um passo de Pausânias (séc. II d.C.), em que este, ao descrever o sítio de Olímpia, diz que havia lá um templo consagrado ao deus *Kairós*, acrescentando que tem conhecimento de um hino dedicado a essa divindade, da autoria de Ion de Quio (séc. V a.C.). Assim, em primeiro lugar, temos acesso indireto a um monumento (que não deixou vestígios no sítio arqueológico de Olímpia) e a um texto (que não se lê nos manuscritos gregos supérstites), de modo que não temos como controlar a referência de Pausânias. Em segundo lugar, o que este diz de ambos é muito pouco. Do hino, diz que *Kairós* era dito o filho mais jovem de Zeus, e do templo, diz que a estátua de *Kairós* estava disposta ao lado da estátua do deus Hermes Enagônio. O que podemos inferir disso? Será que foi dito o filho mais jovem de Zeus porque, diferentemente do tempo (*khrónos*), que sempre passa e, daí, envelhece, a oportunidade (kairós), ao contrário, é coisa do momento e, daí, jovem? Será que a estátua de *Kairós* estava disposta ao lado da estátua do deus Hermes Enagônio, isto é, Hermes Competitivo, porque, nos jogos de Olímpia (os Jogos Olímpicos), vencia o competidor que sabia aproveitar da oportunidade numa competição? Quanto à relação entre o termo *khrónos* "tempo" e o nome do deus *Krónos* "Crono", ela não tem base etimológica, tratando-se de jogo de palavra. Tal jogo de palavra, porém, encontra-se em mais de um texto antigo, p. ex., no *Do mundo*, texto grego do séc. I a.C. - I d.C., atribuído postumamente a Aristóteles (séc. IV a.C.), e traduzido em latim por Apuleio (séc. II d.C.). Nele, o autor explica que o nome do deus *Krónos* equivale a *khrónos* "tempo", significando o tempo, que não tem começo nem fim. Outro autor, Mário Sérvio Honorato (séc. IV-V d.C.), interpreta a foice com que *Krónos* castrou o pai, o deus Céu, dizendo que aquele é o deus dos tempos, os quais, à maneira de foice, retornam a si mesmos. No entanto, é importante ter em mente que essa relação, como se disse, não é etimológica, mas um jogo de palavras, e que cada autor antigo que recorre a ela pode explicá-la de modo diferente. Seja como for, apropriações posteriores fizeram a associação entre esse deus e o tempo, assim como outras criações se apropriaram de Kairós, criando essa oposição entre ambos, sem que haja o respaldo de fontes mitográficas utilizadas por pesquisadores especialistas. No entanto, há pinturas, esculturas, textos literários e artigos que se referem a Kairós, o que evidencia a interferência da arte, da literatura e da filosofia em informações coletadas e reinterpretadas livremente. Assim, em *Sessenta minutos*, o uso de Chronos e Kairós se respalda na liberdade poética e na pertinência simbólica de Chronos e Kairós, ressalvadas as observações já feitas aqui, para a composição/oposição que a estrutura criativa do poema oferece. Convém destacar a importância de buscarmos as melhores fontes científicas para as pesquisas que fazemos, ainda que, por uma questão estética ou conceitual, optemos pela liberdade poética e usemos "Chronos" e Kairós".

66. **Gaia** – na mitologia grega, esposa de Urano, a Terra.
67. **clepsidra** – relógio de água (HOLLANDA, 1986, p. 417).
68. **águas de Aquário** – referência à chamada "Era de Aquário" iniciada em 2021 e que traz previsões de grandes mudanças no mundo, que possibilitarão que a Humanidade alcance um patamar elevado de espiritualidade e amor incondicional.
69. **Wakan Tanka** – termo originário da cultura dos sioux (os indígenas lakotas que vivem nas grandes planícies da América do Norte) e tem como significado "Grande espírito" (2008, p. 192). Ver o *QR-code* para saber mais.
70. **Alabê –** alusão à maravilhosa composição *Alabê de Jerusalém*, de Altay Veloso - Ver vídeo no programa Sr. Brasil de 29/12/2013 - https://www.youtube.com/watch?v=fk8O3ufSHgE.
71. **flor de lótus** – flor com simbologia espiritual de pureza, perfeição. Muito presente na mitologia budista.
72. **bemóis** – sinal musical que indica dever ser abaixada a um semitom a nota que está à sua direita (HOLLANDA, 1986, p. 247).
73. **elementais** – referência aos seres elementais da natureza, tais como gnomos, fadas, duendes etc.
74. **sessenta minutos** – título da canção criada para integrar o livro, com música de Cacá Vidal. Acessar o *QR-code* para ouvir.
75. **sonata –** composição musical geralmente destinada a ser executada por um só instrumento em três movimentos, mas há variações.
76. **wakanda** – saudação que revela força interior, capacidade de lutar, de resistir. No filme *Black Panther* (Pantera Negra), de 2018, do diretor Ryan Coogler, há o Reino de Wakanda, uma nação africana fictícia.
77. **Paimutik**. Agora com "k", o antigo Paimutic, por meio da força da Poesia, da criação, que contagia e transforma a Humanidade, ganha o sentido de Kairós, libertando-se de Chronos. Chega o Tempo da Liberdade e da oportunidade de transformação e paz.
* Asteriscos também foram colocados ao lado de algumas palavras ou termos. Foi a forma que encontrei de destacar alusões a poemas e canções, que agora indico, sugerindo a busca pelos textos na íntegra: pág. 23, "Escarra nessa boca que te beija!", verso do poema "Versos íntimos", de Augusto dos Anjos; pág. 25, lembrei-me de "Eu quero entrar na rede pra contactar/Os lares do Nepal, os bares do Gabão", da canção "Pela Internet", de Gilberto Gil; pág. 28, "Vamos passear naquelas ilhas decotadas?", verso de *Cobra Norato*, de Raul Bopp; pág. 29, "Uma flor nasceu na rua!", verso de "A flor e a náusea", de Drummond; pág. 41, o "meio do caminho" de Drummond; pág. 42, "E a Dança dos Signos/É como uma estrela/Que eu fiz pra você morar", da canção "A dança dos signos", de Oswaldo Montenegro; pág. 52, "Tudo é cinza nesta vida,/Fátuas estrelas de pó", versos do poema "Estrelas de pó", de Raimundo Correia, e "Gracias a la vida que me dado tanto", da canção "Gracias a la vida", de Violeta Parra; pág. 58, "Naquela mesa tá faltando ele/e saudade dele tá doendo em mim", da canção "Naquela mesa", de Sérgio Bittencourt.

CHRISTINA

Ramalho

Sobre a autora

Christina Ramalho é carioca e sergipana. Doutora em Letras (UFRJ, 2004), com pós-doutorado em Estudos Cabo-Verdianos (USP/FAPESP, 2012) e em Estudos Épicos (Université Clermont--Auvergne, 2017), é professora-associada de Teoria Literária e Literatura Brasileira da Universidade Federal de Sergipe, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Programa de Mestrado Profissional em Letras, dedicando-se, na pesquisa, principalmente, aos estudos épicos e ao ensino de poesia. É autora e organizadora de diversas obras de teoria, historiografia e crítica literária e editora-chefe da *Revista Épicas*. Em 2015 foi jurada do prêmio Jabuti na categoria "contos e crônicas". É membro honorário da Academia Cabo-Verdiana de Letras, da Academia Gloriense de Letras e membro da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Em Literatura, publicou *Ponteiros de papel* (poemas, 2020), *Poemas de Danda & Chris* (poemas para crianças, 2020), *Lição de voar* (poemas, 2019), *Poemas mínimos* (2019), *fio de teNsão* (poemas, 2018), Ítalo (poemas e crônicas, 2018), *Catimbó* (crônicas reunidas, 2018), *Dança no espelho* (contos, 2005 e 2018), *Laço e nó* (poemas, 2000) e *Musa Carmesim* (poema épico, 1998). Em breve será publicado pela editora argentina Zeta Centuria o livro bilíngue *Agujas de papel/Ponteiros de papel*. Realizou diversas exposições nacionais e internacionais de pintura e fotopoesia. É membro do grupo musical *Acrópole Nordestina*, sendo autora de diversas letras de canções.
Site: miXturas (www.ramalhochris.com).
Canal *Acrópole*: https://www.youtube.com/channel/UCrb6-arzs1EgP4wSetZ0E1w.
E-mail: ramalhochris@hotmail.com

Referências

BRANDAO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1991.
BRANDAO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1991.
BRANDAO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico*. v. 3. Petrópolis: Vozes, 1991.
CASTRO, Vinicius Vasconcelos. Iroko, loko: o eixo do mundo e a morada dos deuses. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enlije/2014/Modalidade_1datahora_23_05_2014_22_02_15_idinscrito_497_f8cd315df0ee47530dbf-4108f1bace50.pdf.
COLUCCIO, Felix. *Diccionario de creencias y supersticiones*. Argentinas y americanas. Buenos Aires: Edicciones Corregidor, 1990.
FIELDS, Vivian. *Dioses celtas*. Madrid: Edimat, 2006.
GOODA, Guilherme H. As 72 transformações do macaco. Jornada para o Oeste suas adaptações e implicações. Disponível em:https://www.academia.edu/33075420/AS_72_TRANSFORMA%C3%87%C3%94ES_DO_MACACO_Jornada_para_o_Oeste_suas_adapta%C3%A7%C3%B5es_e_implica%C3%A7%C3%B5es.
GONDIM, Airton Barbosa. *Seu guia no candomblé*. Salvador: A. B. Gondim, 2003.
HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
LANG, Andrew. *Myth, Ritual, and Religion*. Vol. 1. September, 2001. The Project Gutenberg Etext of Myth, Ritual, and Religion, Vol. 1. Disponível em: http://www.public-library.uk/pdfs/9/995.pdf.
LINCOLN, Bruce. The Indo-European Myth of Creation. In: History of Religions. Volume 15, Number 2, Nov., 1975. Disponível em https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/462739.
LYRA, Wladimir. O céu como bandeira A contribuição da Astronomia para o regime republicano. Disponível em: http://www.wladimirlyra.com/media/bandeira.pdf. Consulta realizada em 10/01/2021.
OLIVIER, Martin S Olivier. The Heroic Pattern in the Epic of Gilgamesh. Disponível em: https://martinolivier.com/other/hero.pdf.
PINCH, Geraldine. *Egyptian Myth. A very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2004.
PINTO, Marnio Teixeira. Relações de substância e classificação social: alguns aspectos da organização social arara. In: *Anuario Antropologico*/90. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, p. 169-204. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7401529.
REBLIN, Iuri Andréas. Quando os deuses morrem na praia: algumas anotações sobre anjos e textos sagrados. In: *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo/RS, vol. 25, maio-agosto 2011, p. 81-86. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/134/185
RONECKER, Jean_Paul. *O simbolismo animal*: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1997.
SCHIAVO, Luigi. O simbólico e o diabólico: a vida ameaçada. In: *Phoinix*. Rio de Janeiro, n. 8, 2002, p. 230-243. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/phoinix/article/view/33233.
SIN-LÉQI-UNNÍNNI. *Epopeia de Gilgámesh*. Ele que o abismo viu. Tradução, introdução e comentários Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
SOTO. Luís G. Fragmentos de religiosidades. In: *Humanística e Teologia*. 33:2, 2012, p. 419-432.
PINEDA M. A., Ginett. *Rescatando a la Pachamama*. University of Wisconsin-Milwaukee, 2012 B.A., Marquette University, 2010. Tese de Doutorado. Disponível em: https://kuscholarworks.ku.edu/bitstream/handle/1808/27893/Pineda_ku_0099D_16009_DATA_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y.
THE POETIC EDDA. Translated by Carolyne Larrington. Oxford: Oxford World's Classics, 2014.
TRESIDDER, Jack. *O grande livro dos símbolos*. Trad. Ricardo Inojosa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
WILKINSON, Philip; PHILIP, Neil. *Mitologia*. Guia ilustrado Zahar. Trad. Áurea Akemi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.
WILLIS, Roy (Ed.). *Mitología del mundo*. Köln: Evergreen, 2007.

Posfácio

Quando tive contato com os primeiros arroubos criativos de Christina Ramalho, pelo whatsapp, de imediato senti a potência do texto. Era uma profusão de mitos que se encontravam vertiginosamente. Um encontro-colisão de matrizes culturais em palavras e versos. A inspiração clássica é clara, como mostrarei a seguir, mas o híbrido domina, seja pelos *QR Codes* que ampliam infinitamente as possibilidades de leitura, seja pela intermidialidade gerada pelas imagens, músicas, fotografias, fotopoemas e outros gêneros artísticos que são postos em diálogo com o minutos métricos (de agora em diante mm).

Como lidar com o tempo que nos corrói a vida? Como lidar com estes tempos que nos devoram a sensibilidade para o outro e para a vida? Pandemia? Não. Não sejamos ingênuos? Paimutic, deus implacável, angariou devotos fiéis cujas ações transcendem qualquer vírus. Pachamary nos chama com sua voz doce e suave... é um convite poderoso embora gentil. Sim, é um duelo entre a dureza do tempo presente e a poesia que nos permite transcendê-lo. Christina Ramalho desenvolve este conceito a partir mesmo da exploração da sequência numérica de cada mm, que sugere uma rigidez que poderia aprisionar a poesia de cada texto, mas que não o faz porque a poesia é mais forte que a metrificação.

A potência do texto poético encontra em *Sessenta minutos* uma expressão plena que multiplica a experiência de leitura. Na verdade, não lemos os poemas, nós os atravessamos como atravessamos o tempo pontuados pelas experiências vividas. A travessia começa pelo (H) Oráculo, o que nos faz indagar: que pergunta é essa cuja decifração se dá em sessenta minutos? Transgressora, Christina Ramalho inverte a experiência desse encontro mítico e nos dá possibilidades de respostas para a pergunta que é, então, o Mistério. Seria "o que fazemos com nosso tempo?", ou "até que ponto nossa relação com o tempo nos tira o prazer da vida?", ou ainda "como podemos ressignificar o tempo das nossas existências para, de fato, vivermos?" Cada leitor ou leitora encontrará sua pergunta ao compreender como a batalha entre Paimutic e Pachamary é travada em seu interior. Honrar o oráculo é honrar o começo da trajetória heroica de cada um de nós, pelo momento exato em que nos descobrimos capazes de desafiar nossos Destinos e, aceitamos o desafio do Caminho. É esse Caminho que encontramos no mi-

nuto métrico 1, cuja forma em espiral sugere o círculo do relógio (60), que, apesar de fechado, sempre recomeça. Assim Christina Ramalho transforma *Sessenta minutos* num labirinto em que cada leitura-travessia oportuniza uma nova outra leitura. Tal qual Ariadne, Christina nos entrega o fio quando apresenta o livro e informa das possibilidades de leitura, indicando um primeiro movimento, ou seja, a leitura direta dos sessenta minutos métricos. É uma leitura vertiginosa em que o caráter híbrido do texto fica evidente. Enquanto poema longo, percebem-se as divisões da epopeia. A **Proposição**(exórdio) corresponde aos três primeiros mm onde o propósito do poema é apresentado, assim como o feito que será narrado e seus personagens, Paimutic e Pachamary. Na sequência, o *QR Code* permite localizar qual segmento opera como **Invocação**: Coliseu. É o título de um dos segmentos do texto, e o *QR Code* nos leva ao texto escrito pela própria poeta sobre a impressionante construção romana. Nesse texto ela resgata a determinação do Papa Benedetto XIV de que o local seria destinado à "devoção à Via Crucis" e cito ainda, "para isso ele mandou alçar uma cruz sobre o terreno que a lenda ligou ao nome de milhares de mártires cristãos". Tem-se, portanto, a conexão com o Sagrado que caracteriza a respectiva divisão do poema. A devoção à via crucis é uma devoção à Paixão de Cristo, sendo uma meditação em Seus Passos que assim começa: *Olhai, Pai Santo, o sangue que jorra do peito trespassado do Salvador; olhai o sangue derramado por tantas vítimas do ódio, da guerra, do terrorismo, e concedei, benigno, que o curso dos acontecimentos no mundo se desenrole segundo a vossa vontade na justiça e na paz, e a vossa Igreja se entregue com serena confiança ao vosso serviço e à libertação do homem.* (Disponível em: https://diocese-sjc.org.br/como-rezar-a-via-sacra/).

Essa é uma versão adaptada pelo papa João Paulo II do texto que surgiu no século X, no período das Cruzadas. Justiça, paz e liberdade para a humanidade são os ideais que servem de inspiração diante do sangue derramado das vítimas do ódio. Essa **Invocação** se justifica diante da **Dedicatória** expressa num dos textos mais criativos e expressivos do conjunto: minuto-métrico 4. Christina Ramalho dedica seu poema às vítimas do racismo. É o único texto em que há uma clara referência a um incidente específico da atualidade: a morte de George Floyd (EUA). No entanto, buscando universalizar o evento, a poeta traça paralelo com a realidade brasileira – e absolutamente possível de ser expandida globalmente - no verso "de novo não". Neste particular, o *QR Code* nos conduz a um texto que relaciona a morte de Floyd e de João Pedro, ocorrida no Rio de Janeiro na mesma época, ambas inseridas numa discussão acerca das perversidades geradas pelo racismo estrutural.

Aponto, ainda, para a importância do Coliseu para a obra como um todo. Se por um lado ele é a arena do combate entre Paimutic e Pachamary, trata-se, também, do espaço/tempo em que ocorre esse duelo entre a lógica de um masculino perverso devorador da vida com "caninos ritmados" (mm3) e a de um feminino, "capaz de bordar vida no de repente" (mm18).

A título de **Narração**, os feitos dos dois combatentes são narrados e, na sequência irrompe o combate. Paimutic, o primeiro combatente, devora a vida, como Chronos, mas também como "anti-consoada, seca a poesia e nos mata" (mm16). É a partir de Paimutic que nossos corações se tornam frios e indiferentes... como se estivéssemos, de fato, mortos pela insensibilidade.

Eis que surge Pachamary, a segunda combatente, cuja carnadura invisível e presente borda vida em oposição à carnadura de Paimutic que, escorregadia, leva ao nada. Ela, que brinca de conjugar o verbo "infinitar" e enfrenta a morte com tintas de mulher. Ela, que se casa com cada palavra que desnuda, e, aberta como a romã madura, é fruto granada que explode em arte.

O combate começa e os combatentes se enfrentam como num repente. O segmento "Apófis" apresenta, a partir do mm30 até o mm51, movimentos de ambos os combatentes como se estivessem frente a frente; Paimutic expressa suas ações de vazio e morte, enquanto Pachamary responde com vida, renovação, resistência e paixão. Christina Ramalho provoca ricas intertextualidades, estratégias de Pachamary para vencer a demanda. Os mm 44 e 45 se destacam pela potência do enfrentamento. Empoderada pela força de grandes poetas, Pachamary invoca o amor. Desse ponto em diante, a vitória é certa, Paimutic cai na própria armadilha e segue em estertores até escorrer como relógio de Dalí no mm52. Fora vencido pela Poesia.

O **Epílogo** – no segmento intitulado Wakan Tanka - traz a vitoriosa Pachamary gerando vida ao verter águas azuis de seus olhos. Ela é Mãe de perdão e compaixão e sabe que o verdadeiro poder está na criação. O tempo não precisa morrer, e não morre...cede e passa a trazer luzes em vez de cruzes. Pachamary, enfim, liberta Kairós e Paimutic passa a ser Paimutik, um novo tempo de paz.

Temos, portanto, em Sessenta minutos, uma epopeia dos tempos pandêmicos. Christina Ramalho nos convida a rever o significado do tempo, do nosso tempo. De que adianta termos tempo se nossos corações seguirem vazios? A poesia é capaz de vencer a crueza do momento, transformando morte em vida. Mas é preciso que aceitemos esse convite para voltar a sentir, espelhando os olhos de Pachamary para que eles vertam as águas azuis que lavarão as nossas dores.

Anna Beatriz Paula (UFPR)

Sessenta minutos é epopeia-relâmpago, narrativa-poema-polvo, com tentáculos que se agarram em outras artes. Uma obra com uma hora de duração, organizada em sessenta "minutos-métricos", que, no entanto, expande esse tempo por meio dos muitos QR codes, que, acessados pelo celular, levarão leitores e leitoras a várias surpresas. No poema, o Deus Tempo (Paimutic), tomado pela violência, e a Deusa Poesia (Pachamary), sensibilizada com o panorama trágico da vida, travam uma batalha decisiva.

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO